

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA SOB A PERSPECTIVA DE LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/UFPEL

THE UNIVERSITY OUTREACH
UNDER PERSPECTIVE OF LICENTIATESHIP IN BIOLOGICAL SCIENCES / UFPEL



Vera Lucia Bobrowski¹
Paulo Romeu Gonçalves²
Beatriz Helena Gomes
Rocha³

¹ Doutora em Genética e Biologia Molecular pela UFRGS. Docente do Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética do Instituto de Biologia UFPel. Coordenadora do projeto FECIMES-PROEXT 2015. E-mail: vera.bobrowski@gmail.com

² Doutor em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela UFPel. Docente do CCQFA -UFPel. E-mail: chandico@ufpel.edu.br

³ Doutora em Ciência e Tecnologia de Sementes pela UFPel. Docente do Departamento de Ecologia, Zoologia e Genética do Instituto de Biologia da UFPel. E-mail: biagr@terra.com.br

Resumo

A extensão universitária é um processo que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. Este relato descreve a percepção de onze graduandos da Universidade Federal de Pelotas, participantes do projeto de extensão “Feira de Ciências da Metade Sul do RS (FECIMES) - PROEXT”, sobre as contribuições das ações extensionistas para suas vidas acadêmica e profissional e para a comunidade assistida. Em suas perspectivas, podemos observar que os acadêmicos entendem as atividades de extensão como o vivenciar a teoria na prática, facilitando uma posterior construção de conhecimentos, e que, projetos como este, induzem os envolvidos a repensar a sua prática, desenvolvendo, assim, o senso crítico para intervir e contribuir para a comunidade em que estão inseridos. Só a atuação, em projetos de extensão, permite o entendimento do verdadeiro significado da articulação entre ensino-pesquisa-extensão.

Palavras chave: Ações extensionistas. Universidade. Percepção acadêmica.

Abstract

The university outreach is a process which articulates both teaching and research in an inseparable manner and it also enables the transforming relation between university and society. This report describes the perception of eleven students from Federal University of Pelotas who participated in the extension project “Feira de Ciências da Metade Sul do RS (FECIMES) – PROEXT” regarding the contributions of extensionist actions for their academic and professional lives and for the assisted community. In their perspectives, we can observe that students understand the activities of extension, such as experiencing the theory in practice, facilitating a subsequent construction of knowledge, moreover, this kind of project induces a rethink in the practice of people involved, thereby developing a critical thinking to intervene and change their community. Only the participation in university extension projects allows students to understand the true meaning of the relationship between research, teaching and extension.

Keywords: Extension acts. University. Academic perception.

Introdução

A extensão universitária deveria ser vista pelos estudantes como um processo que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. Mas, na visão dos acadêmicos, talvez a extensão não esteja ocupando o seu devido espaço nessa tríade ensino-pesquisa-extensão, ou, ainda, de forma mais preocupante, não conheçam a importância que tem a participação em projetos de extensão para sua formação profissional e cidadã.

Neste relato, descrevemos a percepção de estudantes participantes do projeto de extensão “Feira de Ciências” sobre as contribuições na sua vida acadêmica e profissional, e a contribuição do projeto para professores e alunos da Educação Básica.

A Articulação Ensino - Pesquisa - Extensão

Para entendermos um pouco do alcance das nossas atividades extensionistas, é importante ressaltar alguns marcos históricos com relação a essa atividade dentro do âmbito das universidades públicas brasileiras. De acordo com a legislação brasileira, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão constitui o eixo fundamental da Universidade Brasileira e não pode ser compartimentado. O artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, dispõe que “as universidades

[...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Equiparados, esses alicerces merecem igualdade por parte da universidade, caso contrário, violarão o preceito legal (BRASIL, 1988).

Em 1996, foi instituída a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394, que no artigo 43, inciso VII, estabelece como uma das finalidades da Educação Superior “promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (BRASIL, 1996, 2002). Para que essa capacidade da extensão, de ser a articuladora das outras funções da universidade, seja realizada, é imprescindível que os professores sejam afeitos a isso. Porém, de acordo com Sousa (2000), a LDB parece pouco elucidativa quanto à extensão, e não avança na operacionalização desta, generalizando a extensão como um instrumento de difusão das produções e benefícios produzidos pelas universidades à sociedade.

O Plano Nacional de Educação (Lei nº. 10.172) define as metas para o Ensino Superior, e quanto à extensão estabelece que todas as Instituições Federais de Ensino Superior deveriam implantar o Programa de Desenvolvimento da Extensão, determinando que 10% dos créditos curriculares sejam reservados para a participação dos graduandos em ações de extensão (BRASIL, 2001; NOGUEIRA, 2005).

No âmbito da Universidade Federal de Pelotas, o Regimento Geral define em

seu artigo 5º que “A missão da Universidade será cumprida mediante o desenvolvimento simultâneo e associado das atividades de ensino, pesquisa e extensão” (UFPel, 1977). Essa mesma diretriz está relatada também no Plano de Desenvolvimento Institucional, no qual a UFPel coloca-se como mediadora, em suas novas ações, a serviço da construção e da constituição de um novo projeto social, ações estas que permitirão a formação de um profissional comprometido com a melhoria do sistema educacional e social brasileiro (UFPel, 2015). Essas afirmações vão ao encontro dos princípios fundamentais que regem o Projeto Pedagógico da Universidade Federal de Pelotas, ou seja, “... a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa e extensão”. O Projeto Pedagógico Institucional da UFPel ressalta no item 2.2 princípios gerais [...] Este novo século está confirmando a necessidade de cidadãos autônomos, críticos, responsáveis e humanos, o que, com certeza, traz grandes desafios para os professores e alunos das universidades. Quando se fala em construção do conhecimento, reforça-se a ideia da indissociabilidade entre aprendizagem, pesquisa e extensão (UFPel, 2003).

De acordo com Moita e Andrade (2009), se considerarmos apenas a relação dual entre o ensino e a extensão, incorremos em uma formação que se preocupa com os problemas da sociedade contemporânea, mas carece da pesquisa, responsável pela produção do conhecimento científico. Por sua vez, se associados o ensino e a pesquisa, se ganha terreno em frentes como a tecnologia, mas incorremos no risco de perder a compreensão ético-político-social conferida quando se pensa no destinatário final desse saber científico (a sociedade) e nessa proposta na mudança de atitudes em relação ao ensino. Por fim, quando a articulação entre extensão e pesquisa exclui o ensino, perde-se a dimensão formativa que dá sentido à universidade e à formação cidadã dos alunos da UFPel envolvidos nessa ação.

Com base no exposto acima, entendemos essas três atividades como inseparáveis, e concordamos com os autores, pois essa tridimensionalidade se faz necessária para formar o universitário ético, competente e autônomo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), todo aluno deve ser capaz de questionar a realidade, formulando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação (BRASIL, 1996). Ideias estas que devemos estender aos nossos alunos de licenciatura e bacharelado. Dizer que o aluno é sujeito de sua aprendizagem significa afirmar que é dele o movimento de ressignificar o mundo, isto é, de construir explicações norteadas pelo conhecimento científico (BRASIL, 1998).

Educar para a cidadania e a eticidade não pode ser de modo algum a formação de seres que continuem apenas reproduzindo a mesmice e os comportamentos que comprovadamente não deram certo. “Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1987, p. 39). Ambos, assim, se tornam sujeitos do

processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem (FREIRE, 1987).

Ainda, segundo Freire (1987, p. 64), uma educação que se pretende libertadora privilegia a intercomunicação, na qual “o pensar do educador só ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade”. Professor e alunos pensam articulados, comunicando-se e buscando a compreensão da realidade do mundo em que se inserem. Para isso, a educação precisa assumir seu papel na sociedade, partindo para vivências concretas.

É preciso que o professor tenha consciência do seu papel social para que possa ajudar o aluno a compreender a sociedade em que está inserido e a complexidade do conhecimento que se pretende adquirir, tendo, como meta principal, uma aprendizagem voltada para garantir uma visão crítico-reflexiva das coisas que se apresentarão ao longo da vida. Com isso, ele terá a possibilidade de compreender e interpretar os problemas que emergem no cotidiano (NÓVOA, 2002).

O projeto “Feira de Ciências da Metade Sul do RS - FECIMES”

Neste projeto, apresentamos as Feiras de Ciências, como forma de desmistificar e popularizar as Ciências na escola básica, tornando-a significativa para o aluno. Consideramos que o agente da aprendizagem, neste caso, é o próprio estudante. Os conceitos a serem construídos e as informações as quais desejamos que eles se apropriem, além das habilidades desenvolvidas, devem ter claros significados para todos. Com frequência, os assuntos tratados nas aulas de Química, por exemplo, não são correlacionados à Biologia ou a outras disciplinas, conceitos e fatos do cotidiano, passando despercebidos no currículo escolar.

Entende-se que um dos principais objetivos da Educação Básica é levar os estudantes à construção de conhecimentos que os auxiliem na compreensão do mundo em que vivem. A perspectiva, a partir da qual se trabalha, é a de que tal compreensão determinará o modo como os estudantes se relacionarão com o mundo; não como meros coadjuvantes, mas como partícipes ativos e transformadores. Nesse sentido, também, os professores devem estar preparados para o atendimento dessas demandas trazidas pelo estudante para a sala de aula.

É cada vez mais evidente a importância política e social do conhecimento, e dele se sobressai o conhecimento científico. Porém, não há consciência, por parte dos alunos do ensino básico, dos acadêmicos das licenciaturas e de muitos docentes, de como a atividade científica e tecnológica participa e afeta nossa realidade cotidiana. É importante, por exemplo, que nas experiências vivenciadas por alunos e docentes seja promovida uma aproximação eficaz com o conhecimento pedagógico, social, científico e tecnológico.

Os números negativos, encontrados nos últimos informativos do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2015), têm mostrado a situação precária do ensino em áreas como a Matemática e as Ciências Físicas e Biológicas, no mundo inteiro. Entretanto, deve-se salientar a existência de muitas propostas alternativas de metodologias de ensino de sucesso, as quais estão restritas ao ambiente de uma determinada escola, que não tem o espaço, nem os meios para divulgar suas experiências para outras, ou seja, não ocorre um intercâmbio, que seria importante para uma evolução em termos didático-pedagógicos.

Deve-se questionar o tipo de relação que as academias estabelecem nas práticas pedagógicas que servirão de modelo para o professor na Educação Básica. Como se dá a construção do conhecimento no interior das salas de aula, aos futuros professores? As respostas dadas a essa pergunta muito provavelmente levarão à constatação de que os professores da Educação Básica reproduzem, em suas aulas, exatamente o que o ambiente acadêmico universitário abomina: a transmissão dos conteúdos como verdades absolutas. O encastelamento academicista cria um distanciamento entre a universidade e a Educação Básica. No entanto, e felizmente, muitos professores do nível básico já superaram a fase da verdade absoluta e passaram a questionar a academia e, por vezes, a excessiva teorização. Felizmente, também, algumas instituições superiores se aproximaram e trabalham na promoção e evolução da Educação Básica, ultrapassando barreiras e preconceitos.

É importante ressaltar que as atividades de extensão propostas no projeto “Feira de Ciências da Metade Sul do RS (FECIMES) - PROEXT”-, foram formuladas para terem impacto sobre a formação acadêmico-científica dos alunos. De acordo com os princípios comuns de formação e normas gerais para organização do Projeto Pedagógico Institucional que se encontram definidos pelo Regulamento do Ensino de Graduação da UFPEL (2010), destacam-se os eixos abaixo:

Flexibilidade curricular: uma organização curricular baseada não apenas em disciplinas formais, mas também com atividades diversificadas, possibilitará ao aluno o arejamento do currículo, formando profissionais com perfis diferenciados, atendendo dessa forma à demanda da sociedade e do mercado de trabalho.

Articulação entre ensino-pesquisa-extensão: os conteúdos trabalhados nas atividades de ensino deverão ser articulados, durante todo o curso, com atividades de pesquisa e extensão, levando o aluno a vivenciar experiências próximas da realidade profissional e transferindo à sociedade conhecimentos, contribuindo na construção da cidadania.

Os níveis preocupantes de reprovação, nas áreas de Ciências e Matemática, têm provocado a manifestação dos Secretários de Educação da Azonasul (Associação dos Municípios da Região Sul do RS) quanto à necessidade de oferta de cursos e eventos de formação continuada aos professores. O atendimento da demanda apresentada

pelos municípios foi um dos motivos indutores da criação do evento em 2005, essas atividades de fomento às feiras de ciências sempre foram associadas ao Simpósio Sul-rio-grandense de Professores de Ciências e Matemática, um fórum de debate sobre as atividades e produções dos professores da rede pública de ensino básico.

A partir dessa primeira ação em 2005, um grupo de professores da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em parceria com professores do Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (o qual estava ligado à UFPel até 2010 e hoje denomina-se Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) – Campus Pelotas - Visconde da Graça) e com as Secretarias de Educação dos municípios da região Sul do RS, passou a articular ações de feiras de ciências municipais e coordenar a nível regional. A partir de 2010, o projeto tornou-se, então, uma parceria extensionista interinstitucional, que perdurou até 2015. A partir dessa data, a participação dos professores da UFPel foi direcionada para o fomento de ações nas escolas e municípios, com atividades como palestras, oficinas e cursos de incentivo ao ensino através de projetos, e que culminam em feiras de ciências, onde a nossa contribuição ocorre durante as avaliações dos projetos.

Consideramos pertinente que a UFPel, através de diferentes cursos de graduação, tenha se inserido nesse contexto de modo produtivo, oferecendo sua contribuição no resgate das Feiras de Ciências das escolas do ensino básico, contribuindo com o processo e oportunizando o contato e o diálogo entre seus professores e alunos, com o intuito de incentivar a participação efetiva e constante em atividades que visem à divulgação científica e à popularização das ciências e a inserção nos novos modelos tecnológicos, garantindo, assim, uma relação positiva com a sociedade e realizando uma inclusão científica. Dessa forma, as feiras de ciências, em suas etapas municipal e regional, cumprem, também, o importante papel de difundir a ciência e as tecnologias educacionais envolvidas no processo ensino-aprendizagem.

O projeto tem sua execução metodológica alicerçada em cinco fases, detalhadas no esquema apresentado na Figura 1. Mas, convém salientar que as feiras ocorrem em três etapas: seleção dos trabalhos nas escolas, no município e, por fim, a etapa regional que ocorre em Pelotas.

Detalhando-se a metodologia, ressalta-se que, inicialmente, as Secretarias Municipais de Educação foram contatadas para receberem informações sobre o projeto, como datas possíveis para um cronograma de palestras e cursos, bem como para enfatizar a importância das feiras de ciências. As Secretarias interessadas em participar solicitam o curso de ensino através de projetos e redação técnica e/ou auxílio na execução e avaliação das feiras no município.

Figura 1
Esquema referente às diferentes etapas de execução do projeto “Feira de Ciências da Metade Sul do RS (FECIMES) - PROEXT”.
Fonte: Autores do projeto.



Para que o projeto se desenvolvesse de forma plena, como uma ação extensionista, foi de suma importância que os alunos se apropriassem dessas atividades, garantindo que a construção do conhecimento ocorresse de forma a reforçar a ideia da indissociabilidade entre aprendizagem, pesquisa e extensão. Para tanto, foi realizada a divulgação do projeto, inicialmente, nos cursos de Licenciaturas: em Ciências Biológicas, em Química, em Matemática e em Física. Talvez, por influência dos professores colaboradores do projeto, os alunos da UFPel que mais participaram foram dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas e em Química. Após a seleção, os alunos foram treinados para execução, sob orientação dos docentes colaboradores do projeto, de oficinas para alunos (da Educação Infantil até o Ensino Médio) e professores da Educação Básica. Na Figura 2, estão evidenciadas diferentes atividades executadas pelos acadêmicos participantes do projeto.



Figura 2

Atividades de oficinas para alunos do ensino médio e professores da rede básica de educação, e atividades como avaliadores de feiras de ciências em diferentes municípios da região Sul do RS, nos anos de 2014, 2015 e 2016. Fonte: Autores do projeto.

A execução das feiras escolares e municipais fica a cargo das respectivas Secretarias Municipais de Educação, e conta com a colaboração dos participantes do projeto (discentes e docentes) nas avaliações dos trabalhos apresentados, quando solicitada.

A etapa Regional da feira de ciências tem, desde 2015, a sua execução sob responsabilidade do Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Pelotas - Visconde da Graça, através do PRONECIM. Como um projeto reeditado a cada ano, a última etapa antes de começarmos as atividades é a revisão e discussão dos resultados e metas atingidas, surgimento de novas propostas de atividades e, por fim, a produção do relatório final.



Figura 3

Fotos de intervenções pedagógicas dos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e sua participação como monitores durante a "Feira de Ciências da Metade Sul do RS (FECIMES)" de 2014.

Fonte: Autores do projeto.

Durante as feiras de ciências, algumas regras devem ser atendidas para elaboração e execução dos projetos: a organização com dois alunos expositores e um professor orientador; a inscrição em uma das diferentes categorias, conforme o nível do ensino básico, desde a Educação Infantil até o ensino médio, e Educação de Jovens e Adultos (EJA); a avaliação no formato de banca de avaliadores; experimentos que retratem os conteúdos programáticos desenvolvidos em sala de aula; transversalidade entre as áreas do conhecimento; e a participação da comunidade onde está inserido. Os projetos necessitam seguir as etapas constituintes do método científico, as quais devem ser facilmente identificadas na proposta e no diário da pesquisa.

A universidade tem um papel importante na sociedade através das ações desenvolvidas, assim como tem o desafio de contribuir para a formação superior de profissionais que irão atuar nas mais diversas áreas do conhecimento. É importante que as ações extensionistas sejam potencializadas, de forma a estimular os acadêmicos para que participem, promovendo atividades que se voltem para fora da universidade, contribuindo para que esta seja democrática e socialmente comprometida com a comunidade e a região que a cerca (BRAGA et al., 2015).

Relacionando mais especificamente aos futuros profissionais da área de educação, Chassot (2003) relata que uma das grandes dificuldades enfrentadas na formação de professores de Ciências é “a transposição dos saberes científicos da universidade para uma linguagem mais próxima da sala de aula da Educação Básica”, dificuldade esta muitas vezes enfrentada pelos acadêmicos, enquanto participantes de ações de extensão. Assim, o incentivo e a participação dos acadêmicos em todas as etapas de execução do projeto, foram determinantes para os resultados obtidos.

A Percepção dos Licenciados em Ciências Biológicas participantes do Projeto sobre Extensão

Para esta análise, buscamos entender como os graduandos, bolsistas e colaboradores, percebem as contribuições das atividades de extensão na sua formação acadêmica e profissional, e, mais especificamente, como eles entendem a relação universidade e a sociedade através do projeto de extensão Feira de Ciências.

Foram entrevistados 11 alunos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, os quais participaram da FECIMES como palestrantes, oficinairos nas escolas, organizadores e executores da feira de ciências, e/ou avaliadores das etapas escolares e/ou municipal, em diferentes edições do projeto de extensão (2012, 2013, 2014 e 2015). Para relatar as respostas dadas pelos alunos, os mesmos foram identificados como A1 até A11.

As perguntas realizadas foram:

- Qual a contribuição das atividades de extensão na sua vida acadêmica e/ou profissional?
- Qual a sua opinião sobre a contribuição do projeto Feira de Ciências para professores e alunos da Educação Básica?

Quanto à percepção da importância em participar de projetos de extensão, ressaltamos algumas expressões que se repetiram nas respostas dos alunos: experiência fora do ambiente universitário, profissionais completos, oportunizaram maior vivência, questões que vão além do conhecimento teórico, maior interação, amplia a visão do acadêmico, uma das melhores maneiras de unir teoria e prática.

Essas expressões, observadas na narrativa dos alunos, corroboram a visão de Senna et al. (2012), que descrevem que a formação do aluno está além dos conhecimentos adquiridos em sala de aula, até porque esses se esvaziam quando não integrados à realidade. Como relatado no documento produzido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades (BRASIL, 2002), na formação do profissional é imprescindível sua interação com a sociedade, para situá-lo historicamente, identificá-lo culturalmente e referenciar a sua formação técnica à realidade.

A extensão é um processo conjunto de construção de conhecimento, entre professores, alunos e comunidade, não uma prática meramente assistencialista, pois deve ser uma relação dialógica entre universidade e sociedade oportunizando a troca de saberes (JEZINE, 2004; BIONDI; ALVES, 2011).

A extensão universitária tem sido o centro de muitas discussões sobre o seu papel e caráter extensionista. A Educação Superior no Brasil tem priorizado o ensino e a pesquisa, não valorizando as atividades de extensão como indispensáveis para a formação profissional (SILVA; VASCONCELOS, 2006).

A seguir, são apresentados trechos transcritos literalmente das respostas dos alunos participantes do projeto de extensão quando questionados sobre qual a contribuição das atividades de extensão na sua vida acadêmica e/ou profissional.

[...] As contribuições teóricas da graduação, muitas vezes, se tornam distantes da prática, de como podemos aplicar o conhecimento que adquirimos para transmitir para os alunos, não se limitando a pequenos experimentos em sala de aula ou exposições orais. A partir da vivência na feira de ciências, foi possível aprender que vários projetos poderiam ser traçadas, e de modo interdisciplinar também, para que os alunos pudessem observar e realizar no cotidiano deles. [...] (A1).

[...] fazendo com que possamos ter mais experiências fora do ambiente universitário. Acredito que com essas experiências nos tornamos profissionais completos, pronto para o mercado de trabalho [...] (A2).

A troca de conhecimento com as pessoas com quem trabalhei e conheci ao longo do período em que estive no projeto [...] (A3).

As atividades de extensão me oportunizaram um maior contato e uma maior vivência escolar, bem como uma maior proximidade com os alunos, tanto de Ensino Fundamental quanto Médio. Uma interação que é rara durante a graduação em Licenciatura [...] (A4).

Acredito que atividades de extensão são extremamente importantes, tanto na vida acadêmica quanto profissional, pois se lidam com diferentes questões que vão além do conhecimento teórico, favorecendo a formação, tanto profissional quanto pessoal de quem participa (A5).

[...] Desta forma, amplia visão do acadêmico onde ele passa a atuar e interagir com esta realidade, deixando de ser um mero receptor de conhecimento e, sim, um protagonista. Sendo que estas atividades são uma forma de ser ter experiência profissional [...] (A6).

[...] foi pra mim uma experiência nova e que me fez refletir o quanto é importante inovar em sala de aula [...] (A7).

[...] Todo tipo de atividade de extensão sempre nos revela coisas novas, com as quais não estávamos habituados, particularmente, acredito que essas atividades abrem novos horizontes nos dando um maior alicerce para lidarmos com as diversas situações encontradas diariamente, seja em nossa vida acadêmica ou profissional. Acredito que é uma das melhores maneiras de unir teoria e prática, facilitando uma posterior construção de conhecimento [...] (A8).

Estas atividades realizadas serviram para que, de alguma forma, o colocássemos em prática aquilo que foi e está sendo trabalhado na graduação (A9).

Tudo isso é/foi muito importante para o meu enriquecimento, tanto acadêmico quanto profissional, visto que o meu curso é licenciatura, e que, para entendermos a realidade escolar e depois fazer um bom trabalho, precisamos já conhecer como esse meio funciona, tentando estar ao máximo inserido nele [...] (A10).

Atividades de extensão contribuíram em minha formação por permitirem a aplicação de conhecimentos acadêmicos, oportunizarem experiência e fornecerem o contato com membros da sociedade (A11).

Sobre a contribuição do projeto Feira de Ciências para professores e alunos da Educação Básica, as expressões-chave foram: interação, empolgação, despertar o pensamento científico. Dois alunos não responderam ao questionamento por serem novos no Projeto e não terem participado diretamente da Feira de Ciências regional.

Essa facilidade de argumentar com empolgação sobre o Projeto e suas contribuições vão ao encontro da afirmação de Castro (2004), que salienta que a extensão produz conhecimento a partir da experiência, por isso, se adquire capacidade de narrar sobre o fazer.

Devemos considerar que muitos dos alunos extensionistas do projeto Feira de Ciências são voluntários e que, para Serrano (2010) e Biondi e Alves (2011), o voluntarismo na extensão universitária é um fator positivo, porque é o início de uma tomada de consciência da necessidade de mudanças na forma de atuação das universidades em relação com a sociedade.

A seguir, são apresentados trechos transcritos das respostas dos alunos participantes do projeto de extensão quando questionados sobre qual a contribuição do projeto Feira de Ciências para professores e alunos da Educação Básica.

Durante a feira de ciências, foi nítida a empolgação dos alunos em querer explicar o que aprenderam, não de modo forçado ou decorado, mas muitos pareciam realmente entusiasmados em demonstrar que gostaram do trabalho que fizeram. [...] Além disso, o envolvimento de toda a escola para a participação na feira ajuda no trabalho colaborativo entre os professores, e os alunos também se sentem orgulhosos quando a escola é qualificada para as etapas subsequentes (A1).

Possibilita troca entre os professores, entre alunos e professores, e alunos e a estes com a escola e a comunidade onde estão inseridos (A3).

Acredito que o projeto tenha contribuído com a atualização das práticas de alguns docentes, quando esses tiveram a oportunidade de interagir com docentes em formação mais recente. Para os alunos, a maior contribuição foi um aprendizado diferente daquele o qual estão acostumados na escola, em forma de oficinas, as quais são mais dinâmicas e atraentes, com assuntos interessantes e interdisciplinares (A4).

O projeto da feira é um grande incentivador e motivador de professores e alunos, mostrando que eles podem criar e apresentar ideias ótimas, de forma que, no final, o que se tem como resultado é satisfação e orgulho pelo trabalho concluído, aumentando a valorização dos docentes e discentes(A5).

Os projetos de feira de ciências vem a ser uma forma de integrar a escola com a comunidade, pois isto fica muito visível quando se conversa com os professores e com os alunos que participam, além disso, esta integração com a comunidades, também é uma forma de estimular a troca de conhecimento e interação com o próprio pessoal que esta participando da feira, pois muitos alunos vem de outras cidades. [...] A meu ver, a principal contribuição é os laços que são construídos entre a escola e a comunidade, onde o conhecimento que o aluno recebe passa do nível da sala de aula e ganha importância no seu cotidiano (A6).

[...] um momento de realização dos alunos, onde cada grupo apresentava seus trabalhos e sentiam-se valorizados, pois, muitas vezes, dentro da escola esse ambiente não funciona da mesma forma que deveria (A7).

[...] induz os envolvidos a repensar a sua prática, desenvolvendo, assim, o senso crítico para intervir e mudar a comunidade em que estão inserido (A8).

Acredito que a feira de ciência oportuniza os alunos a mostrarem seus trabalhos ao público e gera discussão. Além disso, é uma ótima forma de despertar nos alunos o pensamento científico, bem como a desenvoltura e a capacidade de comunicação. Para os professores, é uma oportunidade de sair um pouco da sala de aula e se desafiar, orientando seus alunos e os desafiando a quererem sempre melhorar (A9).

Tal projeto vem a estimular alunos e professores a pensarem e a trabalharem juntos em novas propostas para as ciências dentro do ensino, com perspectiva na atualidade, assim como nas suas implicações, possibilidades, novidades e problemáticas (A11).

As respostas obtidas refletem o relato de Stülp et al. (2012), de que as feiras de ciências são um espaço que se caracteriza pela busca do conhecimento, sendo uma oportunidade de formação inicial e de educação continuada de professores.

Como uma via de mão dupla, a universidade leva conhecimentos à comunidade e aprende com o saber dessa. Essa união, entre teoria e prática, e do conhecimento e da realidade, ficou bem evidenciada pelas respostas fornecidas pelos acadêmicos da UFPel. Como citado por Nunes e Silva (2011), a extensão universitária é uma espécie de ponte permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade.

Segundo Jezine (2004), a caracterização da extensão, como função acadêmica da universidade, não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa, mas sim da sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade. Caldas e Barboza (1995) salientaram que as atividades extensionistas devem permear o ensino e a pesquisa, para que resultem numa ação pedagógica conjunta, a fim de que não sofra interrupção.

Nas atividades extensionistas junto à sociedade, a comunidade acadêmica tem a possibilidade de elaborar e vivenciar a práxis do conhecimento adquirido, promovendo uma mudança comportamental que vai além da formação profissional do estudante, propiciando-lhe uma visão mais globalizada de conhecimento, a partir da conscientização das realidades vivenciadas por diferentes comunidades e da compreensão do seu papel enquanto sujeito social (MARTINS, 2008).

Considerações finais e Conclusão

Através destas reflexões, podemos verificar que os alunos entendem a extensão universitária como uma forma de estabelecer uma relação entre a universidade e a sociedade e que auxilia na sua formação universitária.

Os acadêmicos relacionam as feiras de ciências como um espaço que se caracteriza pela busca do conhecimento, uma oportunidade de formação inicial e de educação continuada de professores, assim como para os alunos do ensino básico.

Consideramos que a extensão é imprescindível para formação de cidadãos éticos, críticos e socialmente comprometidos e, por isso, as universidades devem manter uma relação próxima entre extensão-pesquisa-ensino, pois são alicerces fundamentais para o crescimento institucional, oportunizando à comunidade acadêmica a ampliação e o aprimoramento de seus conhecimentos, além de promover benefícios à sociedade, porém uma prática ainda longe de consolidação.

Agradecimentos

A todos os professores, alunos, colaboradores e financiadores que desde 2005 têm contribuído para que as feiras de ciências sejam restabelecidas nas escolas como ações integrativas através dos projetos de extensão.

Referências

- BIONDI, D.; ALVES, G. C. A extensão universitária na formação de estudantes do curso de engenharia florestal, UFPR, **Revista Eletrônica Mestr. Educ. Ambiental**. v. 26, p. 209- 224, 2011.
- BRAGA, A. W. V., et. al. Extensão universitária e educação: contribuições do projeto prevest/uva à formação acadêmica e social. **SANARE**, Sobral, v. 14, n. 1, p. 93-103, 2015.
- BRASIL. Constituição (1988). **Sobre o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**. Art. 207 da Consituição Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 mai. 2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Básica** – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2016.
- BRASIL. Lei n. 10.172, de 9de janeiro de 2001. Institui o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília,

10 jan. 2001. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/civil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 20 maio 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária. Edição Atualizada Brasil 2000 / 2001**. Fórum de Pró - Reitores de Extensão das Universidades Publicas Brasileiras e SESu / MEC. 2002. Disponível em: <<https://www.portal.ufpa.br/docsege/Planonacionaldeextensaouniversitaria.pdf>> Acesso em: 19 maio 2016.

CALDAS, M. A. E.; BARBOZA, J. P. O papel da extensão na formação do estudante de biblioteconomia. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 30-36, jan./abr. 1995. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/1533>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

CASTRO, L.M.C. 2004. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimento emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED - Sociedade, Democracia e Educação: Qual Universidade?, 27ª, 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2004, p. 1-16.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**. n. 22., p. 89-100, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2º, 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, FORPROEXT, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrest/Gestao/Gestao12.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

MARTINS, E. F. Extensão como componente curricular: oportunidade de formação integral e de solidariedade. **Ciências & Cognição**, v. 13, n. 2, p. 201-209, 2008. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em: jul. 2010.

MOITA, F. M. G. S. C; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissolubilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 2009, v. 14, n. 41, p. 269-393, 2009.

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, 135 p.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002, 88p.

NUNES, A. L. DE P. F., SILVA, M. B. DA C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-Estar e sociedade**. Barbacena, Ano IV - n. 7, p. 119-133, jul./dez. 2011.

PISA. **Programme for International Student Assessment: Result from PISA 2015**. 7p. Disponível em: <<https://www.oecd.org/pisa/PISA-2015-Brazil-PRT.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

SENN, D. O. et al. A extensão na percepção dos discentes do curso de engenharia civil na Universidade Estadual de Feira de Santana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA, XL., 2012, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: Asso-

ciação Brasileira de Ensino de Engenharia, 2012. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2012/artigos/104197.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2016.

SERRANO, R. S. M. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. 2010. Disponível em:

<http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: ago. 2015

SILVA, M. S.; VASCONCELOS, S. D. Extensão universitária e formação profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 119-134, jan./abr. 2006.

SOUSA, A. L. L.. **A história da extensão universitária**. Campinas: Alínea, 2000, 138 p.
STÜLP, S., MARTINS, S.N.; SANTINI, R. de O.; GIONGO, I. M..Feira de Ciências Univates: Descobrimo Talentos para a Pesquisa. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 4, n. 4, p. 17-22, out./dez. 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Regimento Geral da UFPel**. 1977. Disponível em <<http://wp.ufpel.edu.br/scs/regimento/>>. Acesso em: 08 mar. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Projeto Pedagógico Institucional da UFPel**, 2003. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/pdi/files/2015/08/PPI_16_09.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Regulamento do Ensino de Graduação**, 2010. Disponível em: <http://wp.ufpel.edu.br/scs/files/2010/12/2010_14.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPel**, 2015. Disponível em: <http://ccs2.ufpel.edu.br/wp/wp-content/uploads/2015/11/Resolucao-13_2015_PDI.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2016.